



Sonhos com

DEUSES e MONSTROS

O desfecho da trilogia *Feita de fumaça e osso*

LAINI TAYLOR

intrínseca

Jonhos com
DEUSES
MONSTROS

LAINI TAYLOR

Jonhos com
**DEUSES
&
MONSTROS**

Tradução de Viviane Diniz



Copyright © 2014 by Laini Taylor

Publicado mediante acordo com a Little, Brown and Company,
Nova York, NY, EUA.
Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL

Dreams of Gods and Monsters

PREPARAÇÃO

Giuliana Alonso

REVISÃO

Janaína Senna
Marcela de Oliveira

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T24s

Taylor, Laini, 1971-

Sonhos com deuses e monstros / Laini Taylor ; tradução
Viviane Diniz. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2015.
560 p. ; 23 cm. (Feita de fumaça e osso ; 3)

Tradução de: Dreams of gods and monsters
ISBN 978-85-8057-637-5

1. Ficção americana. I. Diniz, Viviane. II. Título. III. Série.

14-17710

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

*Para Jim,
pelo durante feliz*

*Era uma vez
um anjo e um demônio que levaram a mão ao coração*



e deram início ao apocalipse.

1

SORVETE DE PESADELO

Um arranhar nos nervos e o sangue a pulsar, em furor e violência e destruição e terrível e terrível e terrível...

— Eliza? *Eliza!*

Uma voz. Uma luz forte, e Eliza despencou do sono. Foi essa a sensação: a de cair e bater com força no chão.

— Foi um sonho — ela se ouviu dizer. — Foi só um sonho. Está tudo bem.

Quantas vezes na vida dissera essas palavras? Já tinha perdido a conta. Mas era a primeira vez que as dizia para um homem que irrompera heroicamente em seu quarto, martelo em mãos, pronto para salvá-la de um assassino.

— Você... você estava gritando — disse Gabriel, o rapaz com quem dividia o apartamento, lançando olhares rápidos para todos os cantos mas sem encontrar assassino algum. Estava com o cabelo bagunçado do sono e alucinadamente alerta, o martelo erguido, pronto para atacar. — Tipo... gritando *mesmo*.

— Eu sei — disse Eliza, com a garganta dolorida. — Isso acontece às vezes. — Ela sentou-se na cama. As batidas de seu coração pareciam tiros de canhão: sombrias e profundas, reverberando por seu corpo inteiro, e, embora sentisse

a boca seca e a respiração difícil, tentava soar casual. — Me desculpe por ter acordado você.

Piscando, Gabriel abaixou o martelo.

— Não foi isso o que eu quis dizer, Eliza. Nunca ouvi ninguém gritar assim na vida real. Eram gritos de filme de terror.

Ele parecia um tanto impressionado. *Vá embora*, Eliza queria dizer. *Por favor*. As mãos dela estavam começando a tremer. Dali a pouco ela não conseguiria mais controlar, e não queria testemunhas. Às vezes o surto de adrenalina que se seguia ao sonho era bem ruim.

— Está tudo bem, juro. Eu só...

Droga.

O tremor. A pressão num crescendo, as pontadas por dentro das pálpebras, e tudo isso fora de seu controle.

Droga droga droga.

Ela se dobrou para a frente e enfiou o rosto nas cobertas quando os soluços transbordaram e a dominaram. Por mais assustador que tivesse sido o sonho — e foi *bem* assustador —, o que vinha depois era muito pior, porque então ela estava consciente mas ainda assim impotente. O pavor — o pavor, o *pavor* — persistia, e havia também algo mais. Aquilo que vinha com o sonho, todas as vezes, mas que não ia embora com ele; em vez disso, continuava ali, como algo trazido pela maré e deixado para trás. Algo nefasto; o corpo horrendo de um leviatã apodrecendo na praia de sua mente. Era remorso. Mas, por Deus, essa seria uma palavra insípida demais para aquilo. O sentimento que o sonho deixava nela era como reluzentes lâminas de pânico e horror cravadas em uma ferida grande, vermelha e inflamada de *culpa*.

Culpa pelo quê? Essa era a pior parte. Era... Deus do céu, era indescritível, e era enorme. *Enorme*. Nada pior jamais fora feito, em tempo algum, em espaço algum, e a culpa era dela. O que era impossível, e, depois que o tempo lhe desse algum distanciamento, Eliza consideraria ridículo tal sentimento.

Ela não tinha feito nem nunca faria... *aquilo*.

Mas quando o sonho a enredava, nada disso importava — nem a razão, nem o bom senso, nem mesmo as leis da física. O pavor e a culpa sufocavam tudo.

Era um saco.

Quando os soluços finalmente diminuíram, ela ergueu o rosto e viu que Gabriel estava sentado na beirada da cama, com uma expressão de piedade e preocupação. Gabriel Edinger tinha um ar de polidez atrevida que sugeria uma grande chance de seu futuro ser pontuado por gravatas-borboletas. Talvez até um monóculo. Ele era neurocientista, provavelmente a pessoa mais inteligente que Eliza conhecia e também uma das mais bacanas. Os dois eram pesquisadores no Museu Nacional de História Natural do Smithsonian. Tinham começado uma amizade no ano anterior, ainda que não fossem exatamente *amigos*, mas então a namorada de Gabriel foi morar em Nova York para fazer pós-doutorado e ele precisou de alguém com quem dividir o aluguel. Eliza sabia que aquilo era arriscado, fazer uma polinização cruzada da vida pessoal com a profissional, e exatamente por aquele motivo. *Aquela*.

Gritos. Choro.

Não seria preciso uma investigação muito extensa se alguém quisesse apurar o... o grau de anormalidade sobre o qual ela construía aquela vida. Como colocar tábuas sobre areia movediça, era o que parecia às vezes. Mas o sonho não a incomodava fazia algum tempo, então ela cedera à tentação de fingir que era uma pessoa normal, sem nenhuma preocupação além das que afligem uma aluna de doutorado de vinte e quatro anos com pouca grana. A pressão para escrever a tese, um colega de laboratório irritante, as tentativas de conseguir bolsa, aluguel.

Monstros.

— Sinto muito — disse ela. — Acho que estou bem agora.

— Que bom. — Após uma pausa desconfortável, ele perguntou, em um tom alegre: — Quer chá?

Chá. Aquilo sim era um belo vislumbre de normalidade.

— Quero sim. Obrigada.

Ele saiu calmamente para pôr a chaleira no fogo, e ela aproveitou para se recompor. Vestiu o robe, lavou o rosto, assoou o nariz, se olhou no espelho. Seu rosto estava inchado, os olhos vermelhos. Que maravilha. Ela tinha belos olhos, normalmente. Sempre ouvia elogios de estranhos nesse sentido. Eram olhos grandes e brilhantes — quando não estavam vermelhos de

choro —, com cílios longos, e de um tom de castanho bem mais claro que o de sua pele, fazendo com que se destacassem. Naquele momento ela sentiu um calafrio ao notar que pareciam meio... loucos.

— Você não é maluca — disse ela ao reflexo.

Tinha a impressão de que vinha repetindo essa afirmação para si mesma o tempo todo. Um reconforto de que precisava, e que geralmente se concedia. *Você não é e nem vai ficar maluca.*

Mas o pensamento que corria por baixo daquele primeiro era outro, mais desesperado.

Não vai acontecer comigo. Sou mais forte que os outros.

Geralmente conseguia acreditar nisso.

Quando Eliza chegou à cozinha, o relógio do fogão marcava quatro da manhã. O chá estava na mesa, junto com um pote de sorvete aberto, o cabo de uma colher aparecendo. Ele apontou para o pote.

— Sorvete de pesadelo. Uma tradição de família.

— Sério?

— Pois é. Sério.

Eliza tentou, por um instante, imaginar a própria família lhe dando sorvete em resposta àquele tipo de sonho, mas não conseguiu. O contraste era grande demais. Ela pegou o pote.

— Obrigada.

Deu algumas colheradas em silêncio e tomou um pouco de chá, o tempo todo tensa, prevendo as perguntas que com certeza viriam.

Estava sonhando com o quê, Eliza?

Como posso ajudar você se não me contar, Eliza?

Qual o seu problema, Eliza?

Ela já tinha ouvido tudo isso.

— Você sonhou com Morgan Toth, não foi? — perguntou Gabriel. — Morgan Toth e seus lábios grossos?

Tudo bem, essa ela ainda não tinha ouvido. Eliza até riu. Morgan Toth era sua nêmesis, e os lábios dele eram um bom motivo para um pesadelo, mas não, essa não tinha chegado nem perto.

— Prefiro não falar sobre isso — respondeu.

— Isso o quê? — perguntou Gabriel, com ar de inocência. — Não sei do que você está falando.

— Engraçadinho. Mas é sério. Desculpe.

— Tudo bem.

Mais uma colherada de sorvete, mais uma vez o silêncio, interrompido por uma não pergunta.

— Eu tinha pesadelos quando criança — tentou Gabriel. — Durou quase um ano. Muito intensos. Pelo que meus pais contam, a vida normal que levávamos ficou praticamente suspensa. Eu estava sempre com medo de dormir, e tinha vários rituais, superstições. Até tentei oferecer algo que me livrasse daquilo. Meus brinquedos preferidos, comida. Ofereci até meu irmão mais velho no meu lugar. Eu não me lembro, mas ele jura que me ouviu dizer isso.

— Oferecer a quem?

— A *eles*. Os que habitavam meus sonhos.

Eles.

Uma centelha de identificação, esperança. Esperança estúpida. Eliza também tinha um “eles”. Racionalmente, sabia que eram criação de sua mente e que só existiam ali, mas depois do sonho nem sempre era possível se manter racional.

— Quem eram eles? — perguntou Eliza, sem pensar direito. Afinal, se não ia falar sobre o sonho que tivera, não deveria estar se metendo no *dele*.

Essa era uma regra para segredos, assunto no qual era perita: não interrogai para que não sejais interrogado.

— Monstros — respondeu ele, dando de ombros.

No mesmo instante ela perdeu o interesse. Não por ele ter mencionado monstros, mas pelo seu tom de é óbvio. Qualquer um que dissesse “monstros” com tal despreocupação nunca tinha visto os dela.

— Sabe, ser perseguido é um dos sonhos mais comuns — prosseguiu Gabriel.

Ele pôs-se a discorrer sobre isso, e Eliza ficou tomando chá e de vez em quando pegava uma colherada de sorvete de pesadelo, assentindo nas horas certas, mas sem estar de fato ouvindo. Fazia um bom tempo, ela havia pesquisado a fundo o campo de análise dos sonhos. Não tinha ajudado na época e não ajudaria agora, e quando Gabriel concluiu com “pesadelos são uma ma-

nifestação dos medos que temos quando acordados” e “*todo mundo tem pesadelos*”, seu tom foi ao mesmo tempo tranquilizador e pedante, como se tivesse resolvido o problema dela e pronto.

Sua vontade era dizer: *E imagino que todo mundo tenha que colocar um marca-passo aos sete anos porque as “manifestações dos medos que têm quando acordados” insistem em lhe causar arritmia cardíaca.* Mas não falou nada, porque esse era exatamente o tipo de informação peculiar que acaba sendo regurgitada em momentos de socialização informal.

Sabia que Eliza Jones teve que colocar um marca-passo aos sete anos? Ela tinha arritmia cardíaca por conta de pesadelos!

Sério? Que bizarro.

— E o que aconteceu com você? — perguntou ela. — O que aconteceu com seus monstros?

— Ah, eles levaram o meu irmão e me deixaram em paz. Todo ano tenho que sacrificar um bode para eles na Festa de São Miguel, mas é um preço baixo a se pagar por uma boa noite de sono.

Eliza riu.

— Onde você arranja os bodes? — perguntou ela, entrando na brincadeira.

— Numa fazendinha de Maryland. Bodes para sacrifício de qualidade garantida. Cordeiros também, se preferir.

— Quem não prefere? Mas por que logo na Festa de São Miguel?

— Sei lá. Foi a primeira coisa que me veio à cabeça.

E Eliza se sentiu grata por um momento, porque Gabriel não tinha perguntado mais nada, e porque o sorvete, o chá e até a irritação que sentira com o falatório professoral dele haviam ajudado a amenizar o pós-pesadelo. Ela estava até rindo, o que não era pouca coisa.

Então seu celular vibrou sobre a mesa.

Quem estaria ligando às quatro da manhã? Ela pegou o telefone...

... e, quando viu o número na tela, deixou-o cair. Ou talvez o tenha jogado longe. O aparelho acertou um armário, fazendo um *crac*, para então cair no chão. Por um segundo ela teve a esperança de tê-lo quebrado. O telefone ficou lá caído, mudo. Morto. Até que: *bzzzzzzzzzz*. Bem vivo.

Algum dia já tinha lamentado não ter quebrado o celular?

Era o número. Apenas dígitos. Sem nome. E sem nome porque Eliza não havia registrado *aquela* número na agenda telefônica. Nem sabia que se lembrava do número, só soube ao vê-lo, e era como se ele tivesse estado lá o tempo todo, em todos os momentos de sua vida desde que... desde que escapara. Estava tudo ali, tudo bem ali. O soco no estômago foi imediato e visceral, não diminuía nem um pouco com a passagem dos anos.

— Tudo bem com você? — perguntou Gabriel, abaixando-se para pegar o celular.

Ela quase disse *Não toque nisso!*, mas sabia que estava sendo irracional, então se controlou a tempo. Só não pegou o aparelho quando Gabriel o estendeu para ela, então ele teve que deixá-lo na mesa, ainda vibrando.

Eliza encarava o telefone. Como a tinham encontrado? Como? Ela havia mudado de nome. *Desaparecido*. Será que o tempo todos eles sabiam onde ela estava, será que tinham passado aquele tempo todo a seguindo? A ideia a apavorou. Pensar que os anos de liberdade tinham sido uma ilusão...

O telefone parou de vibrar. A ligação caiu na caixa postal. Eliza voltou a sentir as batidas do coração como tiros de canhão: explosão após explosão, fazendo seu corpo todo tremer. Quem seria? Sua irmã? Um de seus “tios”?

Sua mãe?

Quem quer que fosse, ela só teve um instante para se perguntar se eles deixariam uma mensagem — e, caso deixassem, se teria coragem de ouvir —, porque o telefone vibrou de novo. Não um recado de voz. Uma mensagem de texto.

Dizia: *Ligue a TV*.

Ligue a...?

Eliza ergueu o olhar, profundamente abalada. *Por quê?* O que queriam que ela visse na TV? Ela nem tinha televisão. Gabriel a observava atentamente, e os olhos dos dois se encontraram bem no instante em que ouviram o primeiro grito. Ela só faltou ter um ataque cardíaco, levantando-se de um pulo. Lá fora soou um grito longo e ininteligível. Ou tinha vindo ali de dentro? Um grito bem alto. De dentro do prédio. Ei, agora era outra pessoa. Mas o que é que estava acontecendo?!? Aquilo eram gritos de... espanto? Alegria? Pavor? E então o telefone de Gabriel também começou a vibrar, e no de Eliza não paravam de

chegar mensagens — *bzzz bzzz bzzz bzzz bzzz*. De amigos dessa vez, inclusive de Taj, que morava em Londres, e Catherine, que estava fazendo trabalho de campo na África do Sul. As palavras variavam, mas todas eram versões da mesma perturbadora ordem: *Ligue a TV*.

Está vendo isso?

Acorde. TV. Agora.

Até chegar a última. A que fez Eliza querer se enroscar em posição fetal e deixar de existir.

Volte, dizia. Nós perdoamos você.

“Um drama ambicioso e maravilhosamente implacável,
com prosa e personagens brilhantes.”

KIRKUS REVIEWS

“Revelações, novos personagens, múltiplos romances e
uma trama de suspense e reviravoltas.”

BOOKLIST

A esperança é perigosa, Karou sabe disso, mas insiste em acreditar que é possível um mundo sem constantes guerras, no qual o amor não pese em seu coração como culpa. Ao lado de Akiva, ela vai tentar unir anjos e quimeras contra o cruel imperador dos serafins. E o próprio Akiva vai descobrir em si poderes que nem havia imaginado — poderes terríveis e destruidores, mas também capazes de evitar muitas mortes.

ISBN 978-85-8057-637-5



9 788580 576375

www.intrinseca.com.br